

eq
Quarterly

vol.II - nº2 | Dezembro 2011

atmosferas

domingos caldeira francisco feio luís carvalho luísa de sousa

3 editorial

4 atmosferas

5 domingos caldeira

9 francisco feio

15 luís carvalhal

21 luísa de sousa

25 ficha técnica

eq Quarterly

editorial

Invariavelmente sujeita a interpretações e significados vagos, a noção de atmosfera é contudo, para a Fotografia, material. Desviada do seu carácter esotérico e cósmico, a atmosfera é representada neste conjunto de fotografias, de quatro dos fotógrafos que constituem o colectivo da Equivalentes, pelos princípios mais directamente ligados a uma representação das memórias definidoras dos planos de expressão, de conteúdo e de ocorrência de um sentido. Assim se propõe uma nova viagem, noutra direcção mas num mesmo caminho.

pequena atmosferografia da fotografia

"[atmosphere...] this singular density and mood, this feeling of presence, well-being, harmony, beauty...under whose spell I experience what I otherwise would not experience in precisely this way."

Zumthor, Peter (2006). Atmospheres.

Na fotografia, a atmosfera tem uma tradição que remonta aos seus inícios e que se encontra enraizada na própria natureza do primeiro processo fotográfico a ser utilizado em larga escala. Se atentarmos à etimologia da palavra, encontramos esta “esfera de vapor”, neste caso de iodo e mercúrio, como o agente necessário para primeiro sensibilizar e de seguida revelar, trazer à visibilidade, as primeiras placas fotográficas e as primeiras fotografias. Apesar de nunca ter perdido o seu carácter essencialmente informativo e descritivo, terá sido com o aparecimento do papel enquanto suporte da imagem fotográfica que a exploração dos efeitos atmosféricos se fez sentir, primeiro numa Inglaterra mais versada na experiência empírica e sensorial dos lugares e da paisagem e depois em França, que abandona no início da década de 50 de oitocentos o rigor mais cartesiano da daguerreotipia. Assim podemos ver, por exemplo, nas fotografias de Gustave Le Gray um exercício de entendimento da paisagem através das suas variações atmosféricas e, no caso da sua série sobre Fontainebleau, a presença da ideia de *genius loci*, onde o próprio lugar aparece como potenciador de uma emoção próxima da experiência mística e que é algo que será explorado até à exaustão (e à banalidade) pelo pictorialismo. Esta concepção próxima do romantismo também está presente, se bem que com uma dimensão de maior rigor e qualidade nas fotografias de inventário da paisagem do oeste americano em que o lugar apela à sua própria contemplação.

Na viragem para o século XX e com uma concepção diferente da fotografia que se vai afastando progressivamente da ideia de pura mimesis, a paisagem aparece progressivamente como uma construção, um produto da visão e da ideia que o fotógrafo tem sobre o mundo e, com esta mudança, a noção de atmosfera alarga-se ao construído, ao social e ao *air du temps*. Para além do seu valor documental e descritivo, a Paris de Atget é uma visão particular, uma construção sobre o espaço e o tempo que deriva não só do lugar mas do próprio fotógrafo. E para não mudarmos de geografia, assim acontecerá igualmente, por exemplo, com a produção fotográfica de Kertész nos seus anos parisienses. Para além do lado físico e matérico das suas cambiantes a atmosfera torna-se então parte de um campo mais vasto que virá a englobar toda a dimensão da actividade humana e que pode ser sintetizada na noção alemã de *zeitgeist*. Num género muito particular, o do retrato, foi esta combinação difusa do clima intelectual, cultural, espiritual e ético do seu tempo que August Sander inventariou na vasta paisagem do rosto humano.

No presente conjunto de fotografias, estas ideias de atmosfera repartem-se pelos diversos autores de formas diferentes, desde o confronto entre a natureza e a história (dc) ou uma abordagem mais imediata e etimológica à condensação da atmosfera (ff), às qualidades sensoriais dos materiais em erosão num mundo em desagregação (ls) ou no prazer do reconhecimento e da descoberta numa deriva solitária (xk). No limite, como escreveu Mário de Sá-Carneiro em Maio de 1915 no seu “Manucure”, .../ É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!.../

francisco feio, lisboa, dezembro 2011



domingos caldeira
jüdisches museum, lindenstraße, berlin, d, 2007



domingos caldeira
jüdisches museum, lindenstraße, berlin, d, 2007



domingos caldeira
jüdisches museum, lindenstraße, berlin, d, 2007



domingos caldeira
franz-küls straÙe, berlin, d, 2007



francisco feio
odeceixe, pt, 2011



francisco feio
odeceixe, pt, 2011



francisco feio
odeceixe, pt, 2011



francisco feio
odeceixe, pt, 2011



francisco feio
odeceixe, pt, 2011



francisco feio
odeceixe, pt, 2011



luís carvalho
oeiras, pt, 2011



luís carvalho
oeiras, pt, 2011



luís carvalhal
barcelona, es, 2011



luís carvalho
barcelona, es, 2011



luís carvalho
menorca, es, 2011



luís carvalho
menorca, es, 2011



luísa de sousa
cascais, pt, 2011



luísa de sousa
cascais, pt, 2011



luísa de sousa
cascais, pt, 2011



luísa de sousa
cascais, pt, 2011

eq
Quarterly

vol.II - n.º2 | Dezembro 2011

atmosferas

autores | domingos caldeira, francisco feio, luís carvalho, luísa de sousa

data | dezembro 2011

edição | francisco feio

editor e copyright | equivalentes_associação cultural

Av. Almirante Reis, 74 1B - 1150-020 Lisboa - Portugal - +351 960 412 567 - equivalentes@equivalentes.org

apoios |

EPSON
EXCEED YOUR VISION

 **CONTA 71**

